



Ginástica desportiva em alta na Escola Portuguesa.

P. 13

ponto final.

SEG, 26 MAI, 2014 • ANO: XVIII • Nº: 2998 • SÉRIE: III • DIRECTORA: MARIA CAETANO

Vinte mil nas ruas contra subsídios

UM NOVO SIN FONG

Proprietários chegaram a acordo para a total reconstrução do edifício. ● P. 4

JOVENS LONGE DA POLÍTICA

Estudo revela que a maioria não sabe o nome do presidente da AL nem quantos deputados há no hemicycle. ● P. 5

OPINIÃO

Carlos Piteira estreia-se no PONTO FINAL com uma reflexão sobre o futuro da identidade de Macau.

● P. 3



PUB



O regime de garantias para ex-governantes foi o mote daquela que terá sido a maior manifestação desde o estabelecimento da RAEM. Três deputados já apresentaram um pedido de reapreciação do diploma, também polémico pela questão da imunidade do Chefe do Executivo. ● P. 8, 9 e última

萬達通有限公司
M.T.T. MAN TAT TONG LTD.

Building & Fire Protection Materials

FirePro®
Fire Extinguishing Aerosol systems

噴霧式滅火系統
Fire Extinguishing System

CELLWATCH

UPS 電池監測系統
UPS Battery Monitoring System

N-U duopress
Stainless Steel Pressfitting Pipe System

不銹鋼雙擠壓水管
Double Press Stainless Steel Pipe

LOYAL

"耐勞"鋁合金工作架
LOYAL Aluminium Scaffold Tower

澳門士多紐拜斯大馬路11號
協興大廈A座地下
11A r/c, Avenida de Sidonio Pais,
Hip Heng Building, Macau
Tel: (853) 2830 8818
Fax: (853) 2852 3613
E-mail: mtt@mtt.mo
Website: www.mtt.mo

ELEIÇÕES EUROPEIAS

Marinho Pinto conquista votos

O Partido da Terra foi a surpresa das Europeias em Macau. De um voto em 2009 passou para pelo menos 24. O cabeça-de-lista é o antigo assessor do Governo local, Marinho Pinto. ● P. 7

☎: 2823 6363
www.macaudragonboat.com

澳門國際龍舟賽 2014
Regatas Internacionais de Barcos-Dragão de Macau
Macau International Dragon Boat Races

31/5, 1-2/6

南灣湖水上活動中心
Centro Náutico da Praia Grande
Nam Van Lake Nautical Center

主辦 / Organizado / Organized: 澳門體育發展局
協辦 / Co-Organizado / Co-Organized: 澳門國際龍舟賽委員會

PUB

DINÂMICAS E CONTEXTOS DA PÓS-TRANSIÇÃO

Nota de abertura

Os contextos e as dinâmicas do período da pós-transição no território de Macau têm sido objeto de várias análises e reflexões que vão pigmentando o quotidiano de quem aí vive e é “actor” dessa mudança. Por certo, a maioria da população nem se dá conta, até porque, a realidade vivida no seu dia-a-dia transforma-as em rotinas e hábitos que se vão adquirindo.

Porém, para quem dela está distanciada, as leituras são um pouco diferentes, são os momentos de incursão e de vivência precária, num retorno eternizado, que nos vão dando as “narrativas” captadas por via da comparação entre este e aquele momento vivido, perspectivando-as numa análise comparativa.

A micro-sociedade de Macau está repleta de referenciais que são, ora marca da História, ora marca da contemporaneidade, sob a qual se vai edificando a realidade chinesa e porque não dizê-lo, também da diáspora portuguesa no espaço da RAEM.

Aqui deste lado, do além-mar, é o amor à terra e às gentes que nos faz continuar a querer perceber essa Macau tão distante e tão perto simultaneamente, tentando procurar uma justificação que nos legitime o querer manter essa ligação.

Como macaense, em primeiro lugar e como antropólogo e investigador, curioso do mundo que nos envolve, aceitei o convite (e também o desafio) de contribuir para essa reflexão sob este formato de crónica de opinião, que valerá o que vale. O leitor fará o seu juízo da forma que o entender. O referencial de Macau, no que diz respeito ao território e às gentes, será sempre marcado pelo marco histórico do período da pós-transição, onde a sigla RAEM (Região Administrativa e Especial de Macau) passa a denominação oficial.

Para muitos de “Nós” Macau será eternamente, apenas e só Macau mas, como em todos os processos históricos, o tempo e as gerações vindouras tratarão de ir impondo uma nova contextualização.

Resta-nos as memórias e os relatos de um passado que serão (ou não) dignificados ou perpetuados à medida que formos capazes de os ir impondo na atual dinâmica que a caracteriza.

Este será porventura o desafio que se exige a Portugal e por extensão à comunidade portuguesa e macaense que vai ainda insuflando essa singularidade no território e fora dele, nomeadamente, através de uma diáspora que teima em instituir-se e em celebrar a Macau como espaço singular que também lhes pertence.

Os tempos e as dinâmicas da atualidade não se preocupam com os detalhes da memória, apenas a recupera em tempos de crise, desde que sejam úteis. Assim sendo, a perpetuação e a manutenção dos traços identificativos são uma obra do presente, para que o futuro delas se possa lembrar. Quanto ao património físico de Macau, não me restam dúvidas que o legado da influência lusófona seja provavelmente perpetuado, até porque é útil ao atual contexto da dinâmica da RAEM como afirmação turística que exala algum “exotismo” ocidental para quem a visita.

Já no que toca à herança imaterial e intangível, tenho algumas reservas, isto apesar da recente inclusão do “patuá macaísta” no roteiro patrimonial da RAEM. A perpetuação do imaterial implica, em grande medida, a sua tradução nos “modos de vida” quotidiana ou então em forma de festividade ou de “folclore” tradicional que consigam agregar aderentes ou praticantes, ou seja, a necessidade de haver “pessoas” que deem alma a essa continuidade.

Serão os residentes da RAEM (em particular os de influência lusófona no seu sentido lato) capazes de manter vivos os traços identificativos que permitem hoje oferecer uma “face” de Macau onde ainda predomina o legado da singularidade, de um “modo de estar e viver” multifacetado e pluricultural? Ou é uma questão de

SERÃO OS RESIDENTES DA RAEM
CAPAZES DE MANTER VIVOS
OS TRAÇOS IDENTIFICATIVOS
QUE PERMITEM OFERECER
UMA “FACE” DE MACAU
ONDE AINDA PREDOMINA O
LEGADO DA SINGULARIDADE,
DE UM “MODO DE ESTAR E
VIVER” MULTIFACETADO E
PLURICULTURAL?

tempo até que a RAEM surja com outra face, mais eclética e mais distanciada do seu passado, para se afirmar como cidade do jogo e do lazer onde a modernidade supera as tradições e o referencial histórico?

Deixo a questão em aberto, voltarei provavelmente ao assunto quando a inspiração assim o permitir, apesar do cunho pessoal que se imprime nestas opiniões, a reflexão é afinal de todos “Nós”, os que queremos continuar a sentir o “laço” emocional que nos liga a Macau, independentemente da forma como os agentes políticos a querem formatar.



CARLOS PITEIRA*

*Investigador do Instituto do Oriente
Docente do Instituto Superior de Ciências Sociais
e Políticas / Universidade de Lisboa



PONTO
DE CITAÇÃO

“Penso que o Governo tem muitas ideias, mas entre ter as ideias e implementá-las temos de ter muitas explicações e consultas públicas. O problema é que essas medidas levam tempo”.

ALVIS LO, PRESIDENTE DA ASSOCIAÇÃO NOVA JUVENTUDE CHINESA

HOJE MACAU

“A área da cultura em Macau teria tudo a ganhar se tivesse a autonomia de decisão idêntica à que os casinos têm. O poder político nunca foi, por natureza, virado para as artes. Sempre foi uma área específica e a cultura deve ser entregue àqueles que querem cuidar dela”.

ANTÓNIO CONCEIÇÃO JÚNIOR, ARTISTA

JORNAL TRIBUNA DE MACAU

“Os clientes VIPs [dos casinos, querem] mais do que jogar (...) querem fazer turismo, querem que os seus filhos vão para a universidade e nós servimos de servimo-los”.

TONY TONG, INVESTIDOR DO OPERADOR JUNKET HENGSHENG GROUP DURANTE A CONFERÊNCIA GLOBAL GAMING EXPO ASIA

MACAU DAILY TIMES

“O mercado de massas não é o seguro de vida de Macau, é o seu âmago. Penso que o mercado VIP vai sempre existir, é como o pilar fundador, mas é volátil pois é influenciado pelo ciclo económico na China, as transições de poder, as políticas de Pequim. O mercado de massas está relacionado com a emergência de uma classe de consumidores na China”.

TIM CRAIGHEAD, DIRECTOR DA ASIAN RESEARCH NA BLOOMBERG INDUSTRIES

BUSINESS DAILY



Instituto do Oriente

Unidade de Investigação do Instituto Superior
de Ciências Sociais e Políticas